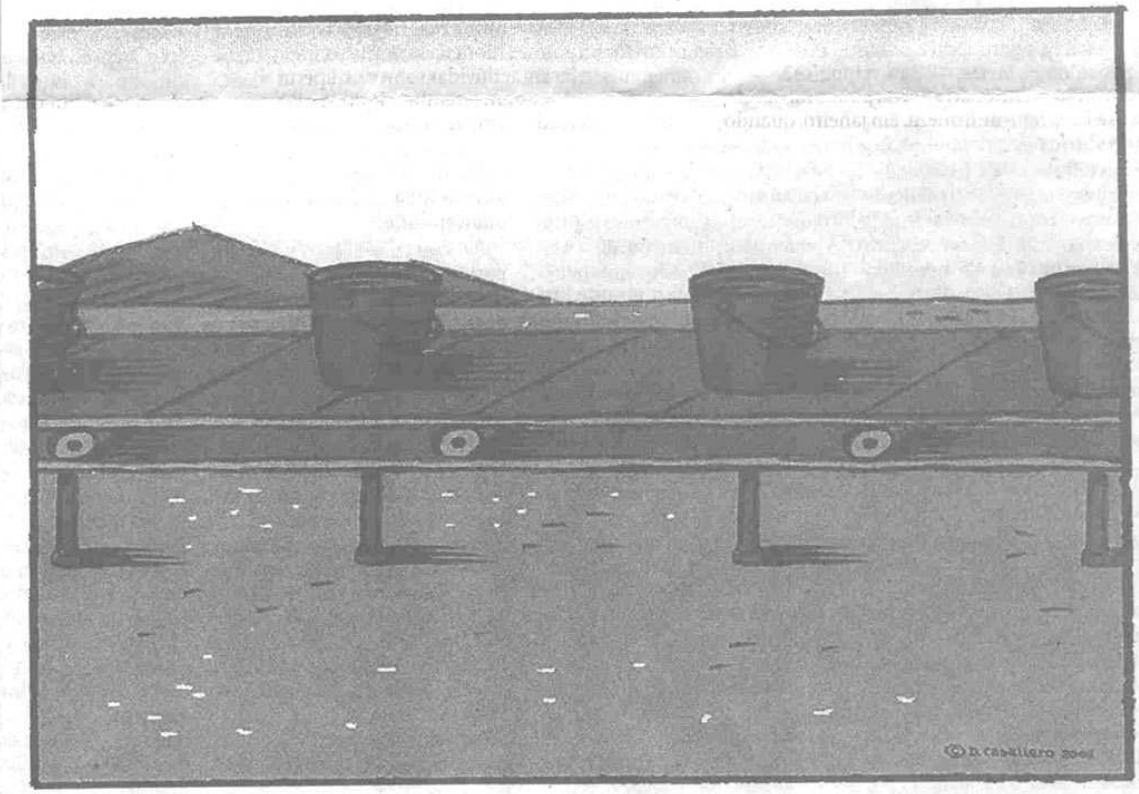
Valor Econômico - 9/6/2008 - Opinião

Sonhos de saneamento

Custos de geração de uma rede de água e esgoto são maiores do que os benefícios. Por *Dale Whittington e Bjørn Lomborg*



Apesar dos progressos recentes, mais de um bilhão de pessoas ainda carece de abastecimento de água decente e mais de dois bilhões de pessoas vive sem serviços de saneamento básico. Apesar de muitas vezes supormos que os benefícios da melhora nos sistemas de água e saneamento sempre excedem os custos, a afirmação, porém, nem sempre é verdadeira.

Água encanada e redes de saneamento são caras. Os consumidores na maior parte dos países não percebem isso, pois os verdadeiros custos estão encobertos por subsídios. Uma nova pesquisa conduzida para a "Copenhagen Consensus" revela que o custo total de levar água encanada a um domicílio chega a US$ 80 por mês — mais do que paga a maioria dos domicílios nos países ricos e muito além dos meios da maioria dos domicílios nos países em desenvolvimento. Partindo do pressuposto de que os pobres usam muito menos água, o custo mensal de tecnologias de rede convencionais cai para US$ 20 — ainda um gasto substancial.

Se calcularmos o tempo e a energia gastos nos países em desenvolvimento para concentrar, tratar e armazenar água, e o ônus sanitário causado pela falta de água potável e saneamento decentes, os custos de geração de uma típica rede de água e esgoto podem continuar maiores do que os benefícios. Gastar uma grande soma de dinheiro para obter uma pequena quantidade de benefício não é um investimento sólido.

Estimativas do que as pessoas nos países pobres estão dispostas a pagar por água encanada não excedem os custos de muitos projetos de água e de saneamento básico. Muitas vezes, eles priorizam a eletrificação antes da água corrente, embora a eletricidade não seja essencial à vida: seja qual for a inconveniência, a água pode ser conduzida a uma residência a partir de um fornecedor ou de uma fonte, mas não existe uma forma conveniente de se transportar eletricidade.

As vantagens sanitárias de se oferecer redes de abastecimento de água são menos dramáticas do que geralmente se supõe. Existem muitas formas através das quais elementos patogênicos podem infectar pessoas, além da água potável contaminada. Encanar água limpa sem melhorar o saneamento até pode, em alguns casos, exacerbar a disseminação de agentes contagiosos.

Assim como a sabedoria convencional — segundo a qual toda rede de água e sistemas de saneamento são bons investimentos — pode estar errada, ela pode estar errada ao supor que todas as represas são maus investimentos. Existem, é claro, sólidos argumentos ambientais e econômicos contra a construção de grandes represas — e até pela desativação de algumas. Mas países como a Etiópia, na prática, não possuem nenhuma infra-estrutura de armazenamento de água, grande variação em precipitação pluviométrica e locais atraentes para geração de energia hidrelétrica.

Um único reservatório situado na escassamente habitada garganta do Nilo Azul, na Etiópia, por exemplo, poderia produzir grandes quantidades de energia elétrica extremamente necessária para o país, aliviar o Sudão e o Egito das secas e obter uma melhora na irrigação. Os custos de um projeto hipotético — que inclui sua construção, assentamento das pessoas que vivem no caminho da represa e as emissões de carbono — atingiriam cerca de US$ 3,1 bilhões. Os benefícios obtidos com a geração de energia, irrigação correnteza abaixo, compensação dos níveis de emissão de carbono e redução de enchentes equivaleriam a praticamente o dobro desse valor.

Existem, além disso, alternativas para caros sistemas de infra-estrutura de redes. Um furo de sonda profundo por meio de uma bomba de mão normalmente atende cerca de 300 pessoas, a um custo domiciliar mensal de cerca de US$ 2,25. Os benefícios — tempo economizado, maior e melhor qualidade de água e a redução dos índices de diarréia — em muitos lugares provavelmente são três vezes maiores que os custos, muitas vezes superando US$ 7 mensais.

Outra sólida escolha de política de curto prazo é usar dispositivos, como filtros lentos de areia, para reduzir os riscos sanitários associados com o consumo de água contaminada com bactérias e vírus. O filtro normalmente custa a uma família aproximadamente US$ 1,40 ao mês, mas em muitos países em desenvolvimento rende benefícios três vezes maiores em melhora da qualidade da saúde.

Muitos países em desenvolvimento atacaram o desafio do saneamento construindo latrinas subsidiadas. Simplesmente prover acesso a essas instalações, porém, pode ser surpreendentemente ineficaz; destas, um número substancial jamais é usado.

Água encanada e redes de saneamento são caras e os consumidores não percebem, pois os verdadeiros custos estão encobertos por subsídios

Uma abordagem mais barata e de maior sucesso no sul da Ásia mobiliza comunidades para conseguir ambientes livres de defecação aberta, elevando a consciência em torno da transmissão de doenças, dos custos à saúde e dos benefícios sociais decorrentes do saneamento. Uma série de abordagens já foi usada, de adoção de "caminhadas de vexame" a áreas de defecação abertas, à criação de brigadas de crianças para promover a proibição. A comunidade recebe incentivos financeiros para construir e manter latrinas familiares muito básicas. Os custos somam apenas US$ 0,50 por domicílio, ao passo que os benefícios obtidos com a melhora da qualidade da saúde e com o tempo economizado em muitos países em desenvolvimento equivalem a US$ 1,20.

A comunidade internacional se comprometeu a reduzir à metade a proporção de pessoas sem acesso a água e saneamento básico até 2015. A solução mais óbvia e abrangente é oferecer água encanada e saneamento a todos os que deles carecem. Considerando o progresso atual e os elevados custos do capital, porém, esse objetivo parece otimista demais.

Enquanto isso, governos e doadores deveriam considerar opções de curto prazo mais baratas. Apesar de as três intervenções de água e saneamento básico de baixo custo aqui discutidas nem sempre passarem pelo teste do custo-benefício, elas provavelmente atrairão investimentos em muitas circunstâncias, reagindo, ao mesmo tempo, às preferências das comunidades.

Dale Whittington é professor de Ciência e Engenharia Ambiental e de Planejamento Regional e de Cidades na Universidade da Carolina do Norte, em Chapel Hill, e professor na Manchester Business School;

Bjørn Lomborg é diretor do "Copenhagen Consensus Center", autor de "Cool It" e "The Skeptical Environmentalist" e é professor adjunto na Copenhagen Business School.

© Project Syndicate/Europe's World, 2008.
www.project-syndicate.org